Lição 2: Dúvidas acerca da Continência

> *Alguém poderá, porém, duvidar de como aquele que julga corretamente é incontinente. [1310]*
>
> *Alguns, portanto, dizem que não é possível ao que tem ciência. Pois é difícil, como julgava Sócrates, que, existindo a ciência, alguma outra coisa a comande e a arraste como uma serva. Com efeito, Sócrates combatia totalmente em favor da razão, como se não existisse a incontinência; pois julgava que ninguém que avalia retamente age senão o melhor, a não ser por ignorância. [1313]*
>
> *Este discurso, portanto, coloca em dúvida coisas manifestamente evidentes, e é ótimo investigar acerca da paixão: se é por ignorância, que modo de ignorância se dá. Pois é manifesto que o incontinente, existindo antes na paixão, não pensa que assim se deve fazer. [1314]*
>
> *Há, porém, alguns que concedem umas dessas coisas, mas não outras. Confessam, com efeito, que nada é melhor do que a ciência, mas não confessam que ninguém opere fora daquilo que julga melhor; e por isso dizem que o incontinente, não tendo ciência, é dominado pelos prazeres, mas apenas opinião. [1315]*
>
> *Contudo, se é opinião e não ciência, nem uma forte suspeita que contradiga, mas quieta, tal como nos que estão em dúvida, há indulgência para com quem não permanece nisso diante de concupiscências fortes; para a malícia, porém, não há indulgência, nem para nenhuma das outras coisas censuráveis. [1316]*
>
> *Então, com a prudência contradizendo? Pois esta é a mais forte. [1317]*
>
> *Mas é inconveniente. Pois o mesmo será ao mesmo tempo prudente e incontinente; e ninguém dirá que pertence ao prudente operar voluntariamente as coisas mais depravadas. [1318]*
>
> *Junto a isso, mostrou-se antes que o prudente é ativo, pois versa sobre os últimos e possui também as outras virtudes. [1319]*

> *Além disso, se por ter concupiscências fortes e depravadas é que se diz continente, o temperante não será continente nem o continente temperante; pois não é próprio do temperante ter concupiscências depravadas, e contudo isso seria preciso. Com efeito, se as concupiscências são boas, o hábito depravado que impede segui-las não seria bom, de modo que nem toda continência seria virtuosa. Se, porém, são fracas e não depravadas, não há nada de venerável; nem, se depravadas e fracas, nada de grande. [1320]*
>
> *Além disso, se a continência torna alguém permanente em toda opinião, ela é depravada, por exemplo, se a opinião é também falsa. [1321]*
>
> *E se a incontinência faz sair de toda opinião, haverá alguma incontinência virtuosa. Por exemplo, o Neoptólemo de Sófocles no Filoctetes; pois é louvável por não permanecer naquilo de que fora persuadido por Ulisses, por se entristecer ao mentir. [1322]*
>
> *Além disso, o discurso sofístico, enganoso, é uma dúvida. Pois, por quererem argumentar acerca de coisas inopináveis, para serem sábios quando as alcançam, o silogismo assim construído torna-se uma dúvida; pois a mente fica ligada, quando não quer permanecer por não lhe agradar a conclusão, mas não pode avançar por não ter como resolver o argumento. [1323]*
>
> *Acontece, porém, a partir de certo discurso, que a imprudência com a incontinência seja virtude. Pois opera coisas contrárias àquelas que julga, por causa da incontinência, e julga que as coisas boas são más e não se deve operá-las, de modo que operará coisas boas e não más. [1324]*
>
> *Além disso, quem por ser persuadido opera e persegue os prazeres e os escolhe parecerá melhor do que aquele que age não por raciocínio, mas por incontinência. Pois é mais curável, por poder ser dissuadido; ao incontinente, porém, aplica-se o provérbio em que dizemos: Quando a água sufoca, que se deve ainda beber? Pois, se estivesse persuadido daquilo que faz, ao ser dissuadido cessaria; agora, porém, persuadido, nada menos faz outras coisas. [1325]*
>
> *Além disso, se acerca de todas as coisas há incontinência e continência, quem é o incontinente absolutamente? Pois ninguém tem todas as incontinências. Dizemos, porém, que alguns o são absolutamente. [1326]*
>
> *Tais dúvidas, portanto, ocorrem; destas, umas é preciso desfazer, outras deixar; pois a solução da dúvida é uma descoberta. [1327]*

1310. ***Poderá alguém duvidar*** etc. Depois que o Filósofo expôs aquilo que parece ser provável acerca da continência e da incontinência, aqui suscita dúvidas contra tudo o que foi dito antes, não, porém, na mesma ordem em que o propôs. Pois o propôs naquela ordem em que as coisas

caem na primeira consideração do homem,

que primeiro considera acerca de algo aquilo que é comum, por exemplo, se é bom ou mau,

em segundo lugar considera a razão própria da coisa,

(em terceiro lugar, sua operação,)

em quarto lugar sua comparação com as outras coisas com as quais tem convergência,

(em quinto lugar sua comparação com aquelas de que difere,)

e por último aquilo que exteriormente a circunda;

1311. mas, ao expor as dúvidas, coloca primeiro aquilo que é mais duvidável. Assim, pois, contra as seis coisas ditas coloca seis dúvidas:

a primeira contra o terceiro provável, sobre o ato do continente e do incontinente;

em segundo lugar coloca outra contra o quinto, que era sobre a comparação com a prudência, ali: ***então, com a prudência contradizendo*** etc.;

a terceira dúvida é contra o quarto duvidável, que era sobre a comparação com a temperança, e isto ali: ***além disso, se*** etc.;

a quarta dúvida é contra o segundo provável, que era sobre a definição da continência, e isto ali: ***além disso, se em toda opinião*** etc.;

a quinta dúvida é contra o primeiro provável, que era sobre a bondade e a malícia da continência e da incontinência, e isto ali: ***além disso, quem por ser persuadido*** etc.;

a sexta dúvida é contra o sexto provável, sobre a matéria da continência e da incontinência, ali: ***além disso, se acerca de todas as coisas*** etc.

1312. Acerca do primeiro, faz duas coisas.

Primeiro propõe a dúvida. E diz que alguém pode duvidar disto: como alguém que tem uma estimação reta seja incontinente operando coisas contrárias.

1313. Em segundo lugar, ali: ***portanto, quem sabe*** etc., prossegue a dúvida.

E primeiro objeta a uma parte;

em segundo lugar objeta a outra, ali: ***este discurso, portanto*** etc.;

em terceiro lugar exclui a solução de alguns, ali: ***há, porém, alguns*** etc.

Diz, portanto, primeiro que alguns dizem não ser possível que alguém que estima retamente, de modo que seja sabedor, seja incontinente. Pois o mais forte não é vencido pelo mais fraco; como, portanto, a ciência seja algo fortíssimo no homem, parece difícil que, existindo a ciência no homem, algo diverso domine a ciência e a arraste como uma serva, já que antes a razão, cuja perfeição é a ciência, domine e comande a parte sensível como a uma serva. E esta foi a razão de Sócrates; por isso ele insistia totalmente neste argumento, como se a incontinência não existisse; pois pensava que ninguém que estima retamente operaria algo fora daquilo que é ótimo, mas que todo pecado acontece por causa da ignorância.

1314. Depois, quando diz: ***este discurso, portanto*** etc., objeta em contrário. E diz que este discurso de Sócrates induz uma dúvida contra as coisas que são manifestamente evidentes, pois manifestamente parece que alguns operam aquilo que sabem ser mau; e, se é assim que pecam por causa da ignorância que lhes advém enquanto estão na paixão, por exemplo, da concupiscência ou da ira, é ótimo investigar que tipo de ignorância seja essa. Pois é manifesto que o incontinente, antes que a paixão sobrevenha, não pensa que se deva fazer aquilo que depois faz pela paixão.

1315. Depois, quando diz: ***há, porém, alguns*** etc., exclui a solução de alguns.

E primeiro a expõe, dizendo que alguns concedem certas das coisas ditas por Sócrates, a saber, que a ciência não é arrastada, mas outras não concedem, a saber, que ninguém peque a não ser por ignorância. Pois confessam que nada é melhor e mais forte do que a ciência, de modo que possa arrastá-la, mas não confessam que ninguém possa operar fora daquilo que julga ser melhor; e daí é que dizem que o incontinente, que é superado pelos prazeres, não tem ciência, mas opinião.

1316. Em segundo lugar, ali: ***contudo*** etc., exclui a solução mencionada. E diz que o incontinente ou tem opinião forte ou fraca; se forte, parece haver a mesma razão a respeito dela e da ciência, porque não se adere menos a uma do que à outra, como se dirá adiante; se, porém, não é forte a opinião que tende contra as concupiscências, mas é quieta, isto é, remissa e fraca, tal como acontece nos que duvidam, parece que isto não deve ser imputado, mas é digno de indulgência, a saber, que o homem não permaneça em coisas fracamente opinadas contra concupiscências fortes; não se dá, porém, indulgência nem à malícia nem a nenhuma das outras coisas censuráveis, entre as quais está a incontinência, de modo que não lhe seja totalmente imputada.

1317. Depois, quando diz: ***então, com a prudência*** etc., suscita uma dúvida acerca da comparação da continência com a prudência, que era o quinto provável.

E primeiro objeta a uma parte, concluindo das premissas que alguém pode ser incontinente, ainda que tenha a prudência que tenda em contrário. Pois, se o incontinente tem uma opinião que contradiz as concupiscências depravadas e não a tem fraca, porque assim não lhe seria imputada, resta, portanto, que tenha uma opinião forte que contradiga; mas, entre as opiniões, a prudência é a fortíssima; logo, o incontinente sobretudo tem a prudência que contradiz.

1318. Em segundo lugar, ali: ***mas é inconveniente*** etc., mostra que isto é inconveniente por duas razões.

A primeira delas é que, segundo isto, seguir-se-á que o mesmo seja ao mesmo tempo prudente e incontinente, o que parece ser impossível; pois ninguém dirá pertencer ao prudente que voluntariamente opere as coisas mais depravadas. Pois foi dito acima, no sexto livro, que, acerca da prudência, é pior quem peca voluntariamente.

1319. Coloca a segunda razão ali: ***junto a isso*** etc. Pois foi mostrado acima que o prudente não só é cognoscitivo, mas é também ativo, porque versa sobre os últimos, isto é, tem uma estimação reta acerca das coisas operáveis singulares, que acima, no sexto livro, disse serem os últimos, e tem também as outras virtudes, a saber, as morais, como foi mostrado no sexto livro. Por isso, não parece possível que algum prudente opere contra as virtudes.

1320. Depois, quando diz: ***além disso, se*** etc., suscita uma dúvida acerca da comparação da continência e da temperança, que era o quarto provável. Pois é preciso dizer uma de três coisas.

A primeira delas é que alguém se diga continente por ter concupiscências depravadas e fortes pelas quais não é levado contra a razão; e, se isto é verdadeiro, o temperante não será continente, nem o continente será temperante; pois aquele que é perfeitamente temperante não tem concupiscências depravadas, e assim ter concupiscências depravadas veementes repugna a isto que é ser temperante; ora, seria preciso que o temperante tivesse concupiscências depravadas se fosse continente, feita a suposição anterior.

A segunda das três é que o continente tenha concupiscências não depravadas, mas boas; e assim se seguirá que qualquer hábito que proíba segui-las seja depravado; ora, tal hábito é a continência; logo, nem toda continência será virtuosa.

A terceira das três é que as concupiscências que o continente tem não sejam veementes, mas fracas e débeis; e então, se não são depravadas, mas indiferentes, ser continente não será venerável ou louvável, e, se são depravadas e apenas débeis, não será algo grande resistir-lhes, e contudo a continência é tida como algo grande e venerável. Parece, portanto, seguir-se um inconveniente, qualquer destas três coisas que se diga.

1321. Depois, quando diz: ***além disso, se em toda opinião*** etc., suscita uma dúvida contra a própria definição da continência, que era o segundo dos prováveis propostos.

E primeiro suscita uma dúvida contra a noção da continência, conforme foi dito acima que o continente é o mesmo que o permanente na razão. E diz que, se a continência torna alguém permanente em toda opinião, isto é, se faz o homem estar persuadido de que permaneça em toda opinião não se afastando dela, seguir-se-á que alguma continência seja depravada; pois acontece que alguma opinião seja falsa, da qual afastar-se é bom, donde ser detido por ela é depravado, ao passo que a continência é louvada como algo bom.

1322. Em segundo lugar, em: ***e se (de) toda*** etc., ele objeta contra a noção de incontinência tal como foi dito acima, a saber, que o incontinente é aquele que se afasta da razão. E isto por três argumentos.

O primeiro deles é que, se a incontinência consiste em afastar-se de qualquer opinião ou razão, seguir-se-á que alguma incontinência seja boa, embora ela seja sempre censurada como má; e isto

porque alguma razão opinativa persuade a fazer algum mal que é bom evitar. E ele apresenta um exemplo disto: um certo poeta, chamado Sófocles, narra que Neoptólemo, que participou da guerra de Troia, foi persuadido por Odrisco a mentir a Filoctetes por uma certa causa que parecia honesta; ele, porém, depois não permaneceu na opinião que lhe fora persuadida, porque lhe era triste e penoso mentir; e nisto é louvável.

1323. O segundo argumento ele apresenta em: ***além disso, o discurso sofístico*** etc. E diz que a razão sofística mentirosa, isto é, que conclui algo falso, é uma dúvida, isto é, uma causa de dúvida. Pois, como os sofistas, para parecerem sábios, querem concluir coisas inopináveis, e como conseguem isto silogizando, o silogismo elaborado provoca dúvida; com efeito, a mente do ouvinte permanece presa, pois, por um lado, não quer permanecer naquilo que a razão conclui, porque a conclusão não lhe agrada, e, por outro lado, não pode passar ao contrário, porque não tem em seu poder a solução da argumentação. E, no entanto, por não permanecer numa razão que não sabe resolver, ele não é censurável. Não parece, portanto, que afastar-se de qualquer razão seja incontinência.

1324. O terceiro argumento ele apresenta em: ***ora, acontece*** etc. Pois, se afastar-se de qualquer razão fosse incontinência, seguir-se-ia, por certo raciocínio, que a imprudência unida à incontinência seria virtude, e assim a virtude se comporia de dois vícios, o que é impossível. E que se segue o que foi dito, parece evidente por isto: segundo o que se disse, o fato de alguém agir contrariamente àquilo que opina se dá por causa da incontinência; ora, ele opina que os bens são males e que não se deve fazê-los, o que é próprio da imprudência; donde se seguirá que ele faz os bens e não os males, o que parece ser próprio da virtude.

1325. Em seguida, quando diz: ***além disso, no ser persuadido*** etc., ele suscita uma dúvida acerca da bondade e da malícia da continência e da incontinência. Pois parece que aquele que faz males por lhe ter sido persuadido que são bens, e daí buscar e escolher os prazeres como bens por si mesmos, o que faz o intemperante, seja melhor do que aquele que faz males não por um raciocínio pelo qual foi enganado, mas por incontinência. Pois aquele que foi persuadido parece ser mais curável, porque facilmente se lhe pode dissuadir daquilo em que crê; mas o incontinente não parece ser ajudado por nenhuma boa persuasão; ao contrário, parece ser réu do provérbio, quando dizemos que, quando a água, cuja bebida restaura o sedento, sufoca aquele que bebe, de que ainda lhe vale beber? E do mesmo modo, se alguém fizesse males como que persuadido, isto é, enganado, deixaria de fazê-los ao ser dissuadido, isto é, removida aquela persuasão, assim como a sede cessa quando se toma a bebida de água; agora, porém, o incontinente foi persuadido e crê naquilo que é reto, e não obstante faz outra coisa; donde a água da boa persuasão não o ajuda, mas o sufoca.

1326. Em seguida, quando diz: ***além disso, se em torno de todas as coisas*** etc., ele suscita uma dúvida acerca da matéria da continência e da incontinência, o que era o sexto dos pontos propostos. E diz que, se a continência e a incontinência dizem respeito não somente às concupiscências, mas também às iras, ao lucro e a todas as coisas deste gênero, não se poderá determinar quem seja incontinente absolutamente; pois não se encontra ninguém que possua todas as incontinências. Ora, dizemos que alguns são absolutamente incontinentes. Não parece, portanto, ser verdadeiro o que se disse acima, que a continência e a incontinência dizem respeito a todas as coisas.

1327. Por fim, concluindo a modo de epílogo, diz que tais dúvidas se levantam contra os pontos antes propostos, e que algumas dessas dúvidas é preciso eliminar, como as que concluem algo falso, e algumas deixar, como as que concluem algo verdadeiro; pois esta é a verdadeira solução da dúvida, quando se encontra o que é verdadeiro acerca daquilo que se põe em dúvida.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:06:42 by Admin
Updated 17 October 2026 12:22:06 by Admin